

MAIS UMA VICTIMA DAS ARMAS DE FOGO

Continuarei hoje a rebater os ataques que fez o academico Sr. Gustavo Barroso (*João do Norte*) a umas notas de estudo, um *dossier* que publiquei, referentes á Guerra do Paraguay.

Nos artigos anteriores defendi-me das arguições que esse escriptor me fez e mostrei como S. Ex. commete cinco maiores, tanto de portuguez, como de historia.

O Sr. Barroso, no seu gaiato artigo "O Rhinoceronte de Carthago", procura justificar-se de certas falsidades que apontei no livrinho de sua lavra "A Guerra do Lopez".

Proclamo eu que a sua imaginação de folclorista não pôde nem deve desprezar a verdade historica nos contos e episodios da nossa actividade guerreira. O acontecimento capital de cada conto precisa ser focalizado tal qual se deu no tempo e no espaço. O cinzel do artista deve então trabalhar livremente em torno desse motivo central.

Nem se pôde esperar outro procedimento de um Director de Museu Historico.

Começa o meu patricio a sua defesa propondo-me aceitar 30, em vez dos 22 canhões de Bruguez, que foram assestados nas barrancas do Paraná para a batalha do Riachuelo. Diz-me S. Ex.: "eu poderia perfeitamente arredondar".

Não posso concordar com tamanha liberalidade mathematica, porque é deshonesto e inusitada. 22 arredonda-se em 20, mas não em 30.

Nas margens do Paraná os paraguayos accionaram apenas 22 bocas de fogo conforme asseveram todos os historiadores, assim brasileiros, como platinos. Não se podem sommar a este numero as peças se achavam proximo dessa posição, mas que não tomaram parte na luta.

Não pude aliás encontrar a tal Bella Vista adjacente a Riachuelo, de que fala o meu laureado censor. Creio tratar-se de um truque jornalístico. Além da extravagancia desse arredondamento, o Sr. Barroso mostra possuir noção muito futurista da mathematica. De facto, em 1928, a 30 de Junho, no jornal "A Manhã" S. Ex. fez apreciação de um livro do Dr. Manuel Madruga, alto funcionario do Ministerio da Fazenda. Sob o titulo de "Riqueza abandonada" diz o Sr. Barroso, entre outras coisas:

"Segundo os seus calculos, a aréa dos terrenos de marinha (aliás terrenos de Marinha é o titulo do livro em questão) abrangge 1.147.700.000 metros quadrados dos quaes 242.450.000 no litoral e 905.250.000 ás margens das aguas fluviaes. Um bilhão de metros quadrados, leram bem? Um milhão de kilometros, a oitava parte da superficie do paiz inteiro". Lendo bem este trecho, como aconselha o seu eminente autor, vê-se que elle devaneia em mathematica como costuma fazer em literatura. Se o Brasil fosse um paiz insular, se tivéssemos a ventura de o Pacifico banhar as nossas fronteiras occidentaes, ainda assim os terrenos de marinha da nossa formosa terra não alcançariam um milhão de kilometros quadrados.

De facto 1.147.700.000 metros quadrados nos dão apenas 1.147 (um territorio pouco maior que o Districto Federal) kilometros quadrados, uma vez que desloquemos uma virgula em classe de dois algarismos, da direita para a esquerda, tres vezes, como se ensina nas aulas elementares...

Em vista deste testemunho dos conhecimentos scientificos do meu festejado censor, recommendo-lhe que, em vez de se arvorar em conselheiro do Estado Maior do Exercito, S. Ex. faça antes uma revisão do systema metrico decimal.

Adiante continua o meu patricio a embarcar 2 Divisões Brasileiras em Corrientes para a travessia do Paraná no Passo da Patria.

O academico louva-se para isto em Theodoro Fix.

E' lamentavel que um brasileiro, Director de Museu Historico, despreze a farta documentação nacional dos nossos Archivos para se estribar num estrangeiro que publicou idéas alheias...

O livrinho de Fix é tão ruim que contém, além das innumerables corrigendas do traductor, as seguintes tolices:

Pag. 31 — batalha de Quinteros...

Pag. 53 — os sitiante de Paisandu' eram 14.000...

Pag 57 — é Matto Grosso a mais vasta provincia do Imperio com 650.000 km2...

Pag. 105 — Canabarro, commandante do 2º Corpo de Exercito Brasileiro...

Pag. 147 — D. Bartolomeu Mitre (1867) General de Brigada...

O Sr. Barroso poz de lado Paranhos, Jourdan, Cerqueira, Bormann, nossos manuscritos do Archivo e da Bibliotheca Nacional e foi catar documentação em Theodoro Fix, na edição franceza que é muito inferior á versão portugueza...

O Exercito brasileiro, todos o sabem, passou pela Villa de Corrientes em Novembro de 1865, acampou em Laguna Brava, ahi permaneceu 51 dias e a 30 de Dezembro estacionou ao Sul de Puerto Corrales onde se preparou para a travessia.

Não foi sem difficuldade que o exercito aliado se manteve nas bordas do Paraná até 16 de Abril de 1866.

Os paraguayos desfecharam varios golpes de mão contra a vanguarda aliada afim de não só capturar prisioneiros e delles colher informações, mas tambem para desmoralizar as forças atacantes.

A esses golpes de mão o Sr. Barroso chama-lhes erroneamente, nos seus livrinhos, — reides. (A Guerra do Lopez pag. 57 et c.)

A 31 de Janeiro as avançadas do exercito aliado sustentam o violento combate de Corrales. Depois, a 6 de Abril, lançamos um destacamento ás ordens de Willagran Cabrita para ocupar a Ilha da Redempção afim de termos uma base de partida para a travessia que ia ser feita á viva força.

Assim sendo, como é que o Sr. Barroso pode aceitar, sem previo exame, o embarque de Osorio á testa de 2 divisões na Villa de Corrientes e não no Porto Corrales?

Critiquei depois a affirmação que fez S. Ex. apoiado ainda em Fix, de que em Tuiuti os paraguayos dispunham de 40 canhões, quando o nosso adversario possuia apenas 4 obuzes.

Diz o Sr. Barroso que se trata de equivocação graphica 4 e não 40. Ora, o livrinho já corre em terceira edição e seria falta de apreço aos seus leitores não corrigir semelhante dislate.

Facilmente descobri que se não trata de inadvertencia mas de excesso de boa fé que ao festejado academico merecem os autores estrangeiros, sobretudo francezes.

Abro a compilação de Fix (manancial da obra do Sr. Barroso) e encontro a paginas 120, da traducção portugueza, o effectivo de 14 esquadrões, 22 batalhões e 40 bocas de fogo para os paraguayos no encontro de 24 de Maio. O meu contendor transcreve tudo isso a paginas 113 de *A Guerra do Lopez*. Não houve, pois, descuido typographico, nem *lapsus calami*, mas simplesmente leviandade do folclorista...

Adiante S. Ex. insiste em collocar Osorio a cavalleiro de Itororó presenciando os lances de heroismo do 26º de Voluntarios da Patria.

E' um absurdo historico.

Osorio quando chegou ao campo de combate o 1º Corpo de Exercito se achava ao sul da ponte, em postos avancados, e a luta ja havia terminado (pag. 518 da Historia do General Osorio). O proprio Marquez do Herval declarou (pag. 515 da obra citada): "Todos os militares sabem que, contra inimigo, por terreno desconhecido, não se marcha em debandada: todavia, eu teria queimado algumas escorvas no Itororó se o combate tivesse durado 7 horas".

Osorio chegou pelo sul da ponte e, como declara, a sua tropa não deu sequer um tiro em Itororó. Houve um encontro da sua vanguarda, mas ao norte do rio, coisa aliás sem importancia, pois a sua tropa de segurança facilmente rechaçou os elementos inimigos.

Assim sendo, o grande general com certeza sentiu immensamente não ter presenciado a bravura dos soldados cearenses do 26, conterraneos do Sr. Gustavo Barroso...

Por outro lado recorro ao Archivo Nacional. Ahí encontro, na documentação da Guerra do Paraguay, caixa 11, volume 13, o manuscrito das partes de combate dos corpos que lutaram em Itororó. Vejo destarte que o 26 fazia parte da 2ª brigada de infantaria ás ordens do Coronel Domingos Roiz Seixas. Os corpos desta brigada eram o 2º de linha, 26 e 40 V. P. Essa brigada combateu na esteira da 5ª.

Verifiquei tambem que as honras do dia, a brigada, pertenceram ao 40 da Baía. Não que os cearenses lhes fossem inferiores, mas simplesmente porque na ordem do ataque, no dispositivo de combate, coube ao 26 papel secundario.

O primeiro corpo a ser lançado na ponte foi o 2º de linha; depois o 40; por fim o 26.

O 40º lutou com extraordinaria galhardia conseguindo apossar-se de 3 boccas de fogo e 2 armões do inimigo.

Já ao sul da ponte o 26 teve ordem de cobrir o flanco da brigada, na mata á direita da estrada.

Além disto, se levarmos em conta as baixas, veremos que o maior sacrificio foi imposto ao 2º de linha que teve quasi que o dobro das perdas do 26.

Chega-se, portanto, á conclusão, de que, sobre ser fantasia a presença de Osorio na ponte de Itororó, seria bastante provavel que, se elle ahí estivesse, deixasse de elogiar o 26 e voltasse a sua admiração para o glorioso 40º ou mesmo para o 2º de linha...

Condemnei outrosim a asserção de que na marcha de flanco o exercito brasileiro houvesse levantado acampamento de Tuiuti e á tarde desse dia penetrasse em S. Solano e Tuiucú.

Foi ainda o maldito Fix quem fez o Sr. Barroso viciar o seu conto com uma inexatidão.

Abro a historia do General Osorio pagina 373 e leio: "Caxias rompeu a marcha no dia 22 de Julho, atravessando o Estreito Velhaco". E adiante: "No dia 29, o grosso do exercito acampou em Negrete e a vanguarda em Tuiucú".

Attente nisto o illustre academico: a vanguarda sómente a 29 (7 dias depois do inicio da marcha) acampou em Tuiucú.

E no entanto S. Ex. fixamente orientado por Fix, escreve: S. Solano e Tuiucú.

Se o meu censor e mestre houvesse consultado um mappa, veria que S. Solano jaz 7 km. a NE de Tuiucú e portanto deveria ser mencionado depois deste sitio.

A seguir mostrarei como o severo critico, Sr. Barroso, ao tratar da Guerra do Uruguay commete tambem varios erros de historia e de linguagem.

Occupar-me-ei sómente dos de maior monta.

A paginas 77 do seu livrinho *A Guerra do Flores*, lê-se:

"Vendo-se perdido, Leandro Gomes ras-pou a barba toda e vestio um uniforme de official do exercito de Venancio Flores. Ia fugir assim disfarçado. Mas uma companhia de voluntarios brasileiros cercou-lhe a casa.

Alguns soldados nella penetraram, depois de matar as ordeanças que a defendiam.

"E o chefe blanco foi prisioneiro.

"Entre as baionetas duma escolta, coberto com a farda inimiga, o rosto liso, abatido o humilhado, o comandante de Paisandu' atravessou as ruas ensanguentadas e em desordem, passou os entrincheiramentos e chegou ao quartel general brasileiro, onde o apresentaram ao Tenente Coronel André Alves de Oliveira Bello".

O aprisionamento de Leandro Gomes não se deu assim, mas de maneira muito diversa. Senão vejamos.

Na obra "Campanha do Uruguay", do General Borman, pag. 200, lê-se:

"Seriam 8 horas quando o fogo inimigo cessou de todo; mas, já a nossa infantaria penetrava na praça da Matriz e parte della se-guia a ocupar as posições estrategicas da cidade.

Leandro Gomes escrevia a resposta a nota dos tres generaes; mas surpreendido pela presença do bravo Tenente Coronel André Alves de Oliveira Bello, este lhe deu voz de prisão e o general oriental entregou-se, sem poder concluir-a".

Por sua vez, no trabalho — Paisandu e Leandro Gomes — de F. de Paula Cidade (Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo 105), que é a ultima palavra sobre o assumpto, tanto no ponto de vista tecnico como no historico, encontro a paginas 310 o seguinte:

"O tenente coronel Bello em pessoa aprisionou Leandro Gomes e muitos de seus officiaes".

E pag. 328:

"Entretanto, o fogo continuava por toda parte, e nossas tropas foram avançando e chegaram ao interior da praça, quando o General Leandro Gomes escrevia a sua resposta a esta ultima concessão, que não pôde concluir porque foi aprisionado pelo Coronel Oliveira Bello, que o entregou ao Coronel Goyo Suarez em virtude de reclamar-o este em nome do General em chefe, e preferiu aquelle seguiu-o."

Assim sendo, fica sobejamente demonstrado que Leandro não foi ao encontro de Bello, mas o contrario é que se deu: O Coronel Bello foi a casa de Leandro e aprisionou-o.

Tratarei agora de coisa mais amena e mais censuravel por se referir a um profissional das letras.

No mesmo livrinho do Sr. Barroso, "A Guerra do Flores, toparam-se os seguintes pontos fracos em portuguez:

Pag. 10 — ... o que obrigou a esse gaúcho de valor e prestigio vir ao Rio de Janeiro."

O verbo *obrigar* é do numero dos verbos activos que, além do complemento directo, pedem outro indirecto com a preposição *a*.

S. Ex. não poderia nunca ter supprimido, como fez, a preposição do complemento terminativo que acompanha aquelle verbo neste e neutros exemplos que occorrem a cada passo: "A tempestade *obrigou* muitos barcos *a* arribar." Se alguma preposição se houvesse de omitir na frase do illustre academico, seria o *a* que explicitamente precede o objecto directo quando é nome de pessoa.

Queira o meu censor accellar a liçãozinha que é de syntaxe elemental. Pag. 11

— "Era preferível o Rio Grande separado do que unido ao Brasil." *Preferível*, como o verbo *preferir* de que se deriva, constroeu-se com *a*: "Este livro parece-me preferível ao outro."

E' certo que alguns dizem: "Prefiro sair do que ficar em casa," mas isto não é correcto nem bello, e é para estranhar que ao modo correcto e puro um academico, que tem a obrigação de zelar a sua lingua, *prefira* um ruím neologismo.

Pag. 69 — "O Tenente Montauray procura *acudil-o*, soerguel-o, auxillado por um fuzileiro naval."

Acudir, no sentido de ir em soccorro de ..., é verbo intransitivo, e constroeu-se com *a* e um nome de pessoa, — complemento convertível no dativo pronominal *lhe*.

No Dicionario de Caldas Aulete o Sr. Barroso aprenderá a construcção de *acudir* lendo este exemplo: *Se lhe não acode, matavam-no.*

Pag. 69 — "Não passava dum reles empregado do correio de Montevidéo que aproveitara da ida a Paisandú dos padres e das irmãs de caridade, afim de realizar aquelle plano."

Ha aqui dois defeitos (tirante os 8 des da frase de 28 palavras e que caracterizam nitidamente o estilo *dendê*... semelhante ao *quequetico*...):

1º) O verbo aproveitar é transitivo: aproveitei a occasião, aproveitei o ensejo para... Só leva a preposição *de*, que ali é descabida, quando fôr reflexivo: "ella não soube aproveitar-se de tal oportunidade."

2º) Consiste na má collocação do complemento *dos padres e das irmãs de caridade*, que pertence á palavra *ida* mas que, junto a Paisandú, gera uma falsa relação entre os vocabulos. Ambiguidade ou disparate, a coisa facilmente se remediaria pondo-se o complemento no lugar devido: a ida dos padres e das irmãs a Paisandú.

Pag. 75 — "Evitaram pisar no symbolo imperial."

O verbo *pisar* com a preposição *em* ouve-se na lingua falada, mas não se vê escripto na lingua culta ou litteraria, que é ou deve ser a de um membro da Academia de Letras.

Aqui vão dois exemplos illustres:

"Essa terra que pizas crês que é um solo remido por tuas mãos" (Alexandre Herculano, *A voz do propheta*, 1ª serie).

"Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo, Chorou-te toda a terra que pisaste."

(Camões, *Lusidas*, X, 118)

Pag. 84 — "Sentado *a* uma poltrona... o major fumava lentamente um charuto escuro."

Reincide o meu mestre no emprego de *a* em vez de *em* com o verbo *sentar* em frases desse typo. Já lhe apontei esse engano. *Sentar-se* pede *a* noutros casos: A moça sentou-se ao piano, sentei-me á mesa para almoçar; mas sentei-me em uma pedra, sentei-me na cama, sentei-me na cadeira...

Pag. 95 — "A artilharia troou, salvando o chefe uruguayo." E da mesma fórma a paginas 186: "A artilharia da esquadra salvou o novo Governo da nação uruguayo."

Salvar é transitivo noutra accepção; mas na de *salvar* com *salvas* de artilharia, os classicos e nós profissionaes empregam-o como intransitivo, em modo absoluto (a Fortaleza de Copacabana salvou) ou com a preposição *a*: O cruzador salvou *a* esta praça de guerra.

Tudo isso são erros que poderiam desculpar-se a qualquer mortal, mas não a um academico, que vota e discute reformas orthographicas e toma parte na feitura da grammatica e do dicionario.

Note-se que só assignalei erros que me parecem mais graudos. Se fosse por exemplo, catar barbarismos em materia de orthographia, teria muito que colher: *despresar* com *s* em vez de *z* (p. 16), rectaguarda com *c* antes do *t* (p. 57, 135, 138), mulhersinha com *s* (p. 70), vasio com *s* (p. 87), detricto com *c* intruso antes do *t* (p. 109), etc., etc.

Não sabe ainda S. Ex., apesar de os mestres se cansarem em nol-o ensinar, quando se faz a inserção da semivogal *i* nos digraphos *eo*, *ea* e porque ainda anda ás escuras neste particular, cahe em grosseiros erros de escripta como *encadeiava* (p. 178) em vez de *encadeava*; *receioso* (p. 181) em vez de *receoso*; *passelar* (p. 186) em vez de *passear*, etc....

E não me diga o galhardo academico que isso tudo constitue questão de somenos importancia, erros de graphia, trocas de letras.

Um dos mestres mais acatados da lingua portugueza dizia:

"Em geral, os espiritos fortes... na asneira, julgam microscopicas as questões de letras, e até as questões de palavras.

Não se lembram, ao menos, de que microscopico é qualquer microbio e de que a hygiene e a medicina têm consagrado largas fadigas á prophylaxia e á therapeutica antimicrobiana.

Tambem as letras padecem de microbios, e nem sempre se perde o tempo em os observar pelo microscopio da sã doutrina, e em lhes applicar as drogas recommendadas pela pharmacopeia dos mestres e pelas lições da experiencia."

Os multiplos afazeres da minha profissão e sobretudo as minhas responsabilidades escolares, não me permitem manter por mais tempo essas salutare digressões.

Creia até o meu acatado patriocio que entrei em campo não para me defender da critica que fez ao meu singelo trabalho, que nada tem de pessoal, mas tão sómente porque S. Ex., através do meu modesto nome, fez uma arremetida injusta, leviana e irreverente contra o Estado Maior do Exercito.

Capitão R. Danton G. Teixeira
(Da Escola do Estado Maior)

JORNAL DO COMMERCIO

DOMINGO, 13 DE

JULHO DE 1930